

BRASIL-PORTUGAL

16 DE SETEMBRO DE 1903

N.º 112

O 37.º anniversario do Palacio de Crystal do Porto

O desenvolvimento que as vias de comunicação, mercê do complexo espirito moderno, alcançaram na primeira metade do seculo que vem de finalizar, teve como logica derivada, entre nós, o conceber, em os espiritos d'aquelles que acompanhavam a phase por que decorria, então, a Evolução social, a ideia de converter em percepção real a idealização que pintava aos espiritos dos nossos avós os grandes centros citadinos, extranhos ao seu viver mesquinho, longe d'este canto ignorado da Iberia, como maravilhas escapando a toda a mais fecunda imaginação. Individualidades cultas percorreram a Europa e trouxeram até nós, como vaga vibração, a noticia do grande movimento que revolucionara, então, a sociedade. Descreviam-se, perante os olhares famintos de sensações dos peninsulares, as grandes capitais; os seus magestosos edificios; as grandes avenidas; os bosques; os parques; e os bem combinados jogos d'agua que serviam de recreação á grande multidão.

Os parques jardins, sombreados e recolhidos, d'um silencio conventual, que existiam na cidade, não saciaram desde esse momento, os arrebatamentos de modernismo, os devaneios estheticos da geração d'então. Murmurou-se, na boa sociedade, em nome da elegancia e do bom senso que uma cidade como o Porto requeria



Outra fachada

modernas construcções, jardins, avenidas... qualquer coisa de mais grandioso. Passou por sobre o paiz o sopro activo do Progresso. Construíram-se estradas, caminhos de ferro, portos de mar, remodelaram-se os serviços publicos e, entre a generica confusão de taes projectos, avultou, no Porto, a ideia da construcção d'um vasto edificio e o delineamento de extensos jardins que servissem de recreação aos portuenses, parallelisando-se, assim, o nosso viver com os meios extranhos.

Da germinação de tão vasta ideia, dentro em breve, brotava a resultante. Em o dia 30 d'agosto de 1861, realisava-se a inauguração do Palacio de Crystal Portuense — honra ufanosa de todo o bom tripeiro — collocando S. M. El Rei D. Pedro V, logo a 3 de setembro do mesmo anno, a primeira pedra fundamental. Constituida a empresa fundadora em que figuravam valorosos factores, caracteris-

ticos do genio emprehendedor da capital do Norte, commetteu-se ao architecto londrino Cheild o encargo de delinear a planta do edificio e ao paisagista allemão Emilio David o estudo da conformação do parque e dos jardins. A base social, sobre que assentara a solução de tão vasto projecto, era constituída pelo capital de 250.000\$000 réis, distribuido por acções de 100\$000 réis.

A generosidade que presidiu a concepção do projecto que normalisou a construcção do vasto corpo central permittiu que se construísse uma elegante nave de 103^m de comprimento por 24^m de largura, em cujo conjunto predomina a regularidade da linha recta, propria da architectura que, fundamentada em resvolidos problemas de combinação de forças e nos progressos da metallurgia se evidenciou na epoca. A cobertura é feita por uma bem lançada capula de ferro e crystal, elevada a uma altura appro-

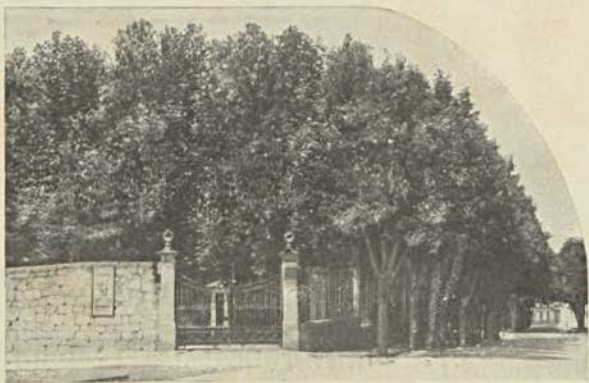


Entrada principal

ximada de 19^o. Lateralmente, a esta nave, correm espaçosas galerias, que multidão numerosa peja em dias festivos.

Junto a ella, e paralelamente dispostas, existem duas outras mais pequenas, cujo comprimento atinge 18^o e cuja largura vae a 8^o. Primitivamente, serviram para alojar importantes estabelecimentos, mas como estes se encontravam um pouco retrahidos do centro onde affluia o grande movimento urbano, a população não correspondeu com o seu concurso para avigorar, ahí, a sua permanencia, e bem cedo se encontravam as naves desertas, achando-se, hoje, fechadas. Adstrictas ao corpo central ha ainda salas de bilhar, de fumo; de descanso; uma elegante sala de espectaculos, denominada *Gil Vicente*, e finalmente, olhando para a Avenida das Tilias e para a gruta, encontra-se um bem servido restaurante. Nos jardins a E., occupando um edificio que, primitivamente, serviu de circo de cavallinhos, a varias companhias gymnasticas, acrobaticas... que em tempos idos fizeram a delicia de nossos paes. Em 1905 o outeiro em que repousa este edificio foi separado dos jardins pela abertura da rua do Palacio de Crystal, o que occasionou o levantamento d'uma fonte pequena e bem modesta.

Existe pelos jardins grande numero de recintos gradeados que contem animaes diversos, oriundos de todas as partes do globo. Infelizmente a receita tem diminuido, de maneira que tem desaparecido, gradualmente, restando, hoje, um bem pequeno numero, em torno dos quaes, mas separados por prudentes grades,



Entrada dos carros

não é raro ver grande numero de creanças divertindo-se com a ferocidade das feras. A parte principal dos jardins é constituida por

uma longa avenida denominada das Tilias, que rasga, atrevidamente, as espessuras altas da vegetação. Olhando para a barra, encontra-se o bosque, cujas arvores conservam o segredo de muitos amores.

Diversas exposições se tem realisado no Palacio de Crystal. A sua serie, já, hoje numerosa, foi iniciada com a Exposição Universal Portuense em 1865, aberta a 15 de setembro, estando presente o sr. D. Luiz I, a senhora D. Maria Pia e o senhor D. Carlos, então, principe.

Os elementos vitaes da nossa nacionalidade muito devem a estes empreendimentos, pois que d'elles não só tem derivado fructificantes estimulos, mas bem assim, de se ter irradiado um mais amplo conhecimento da nossa riqueza agricola; da nossa actividade industrial; e por vezes dos nossos insondaveis dominios coloniaes. Ahí, dispostos n'uma nacional classificação, tem vindo, ha já longos annos, des-enrolando-se as metamorphoses que tem soffrido as nossas



Avenida das Tilias no palacio de Crystal

fontes de receita, de produções da nossa ainda não decahida vitalidade; as riquezas minerais que acolhe o nosso solo; os valerosos productos agricolas que alberga o humero generoso da nossa patria.

Em um dos dias do mez corrente abrir-se-ha a Exposição Agricola, da qual conta esta Revista falar detalhadamente.

Como elemento de resurgimento nacional muito tem concorrido a Empresa que acciona o Palacio de Crystal, para avigorar a nossa aesthetica compleição.

A exposição presente é mais uma grandiosa acção a juntar á já avultada cadeia de beneficios que a direcção do Palacio de Crystal tem prestado á cidade do Porto. Deve-se á actividade e á precencia do sr. Visconde de Guilhomil, espirito laico que se destaca, imperiosamente, em todas as acções que nobilitem a cidade do Porto. O sr. Visconde de Villar d'Allen e o sr. Conde de Paço Vieira, actual ministro das obras publicas, muito tem contribuido para o engrandecimento d'esta Empresa, assim como o sr. José Baptista Vieira da Cruz, seu gerente ha já longos annos.

O Real-Velo-Club, do Porto, encontra-se, actualmente, n'um elegante chalet de madeira que existe nos jardins. Instituição consentanea com os mais modernos progressos da velocipedia muito tem concorrido para o desenvolvimento d'este genero aulico de sport n'aquella cidade.

Em 1880 effectuaram-se n'este Palacio grandes festas em honra do tri-centenario de Luiz de Camões.

Quem, apressadamente, escurece este papel, não as viu, mas como uma feérica recordação, nostalgicamente, as descrevem pessoas d'então, pormenorizando o brilhantismo das illuminações, o lustrar dos fogos d'artificio que se espelharam lá ao fundo, no caudaloso Douro. Acariçada pelo marmorio doce dos amourosos troncos e da folhagem densa do Bosque, existe, olhando para a barra, uma pequena gruta que perpetua a memoria, aos passeantes, do genial poeta.

Na vida pacata da população cittadina o Palacio, assim chamado, actua d'uma maneira intensa. Constitue como que um attributo do brio patrio de qualquer portuense. De semana, a população não accorre alli, deixa entregue a sua actividade ao labor quotidiano. Avulta, imperiosamente, na longa avenida e nos recessos das floreadas ruas dos jardins uma tristesa que subjugua. Algumas vezes veem-se uma loura miss; algum raro corredor do Velo-Club, uma alma poetica que n'um desvanio lyrico ouve o trinado saudavel das aves dentre a luxuriante ramaria, ou então, se o seu espirito é mais forte entrega-se a uma mais intensa impressão, olha o mar ao longe, para lá da branqueada casaria da Foz: o poente moribundo lampejando morbidas tonalidades.

Aos domingos o Palacio é o logar onde se dão rendez-vous todas as classes mais elevadas da sociedade portuense. Um estrangeiro que não conheça a vida do habitante do Porto pode dirigir-se um

domingo ao Palacio que ahi a verá felmente traduzida.

Eis um conjunto: anemicas raparigas, provocando dongosamente o fru-fru dos vestidos, passeiam, lentamente; rapazes, subditos quasi que fieis da Elegancia: uns irradando a través do crystal do monoculo o olhar dardante de conquistador, outros entregues a chimericas meditações, irisadas pela alvura celeste das azas de Cupido, enrolam no dedo nervoso o sedoso cordão do monoculo e erram vagamente com a bengalia pela areia. Confiam á areia mudas as suas impressões fagueiras, mas assim como a Realidade, em breve, illumina a sua cerebração neurasthenica des truinando illusões, assim captivantes botinas incisivas fazem desaparecer da areia esse indefinido esboço que talvez exprima em sentido...

Pelos bancos papás e mães já retirados na scena ficticia da apparencia que enieva espiritos juvenis deixam-se ficar sentados, grave e pesadamente, admirando um trecho de opera que a brisa lhe arremessa, do tympano ou então occupam-se a falar de trabalhos domesticos, das suas relações, falam da carestia dos generos e da ultima missa dos Congregados.

Aqui vemos um grupo de já calvos politicos, commentando ferocemente um discurso d'um deputado oppoicionista; além jornalistas que com impiedosa critica, arremessam o azorrague da inutilidade sobre a primeira produção d'um novato esperanoso e ainda militares que, bellicosamente, coíam a fecundidade capillar que em atrevidas distensões, parece desejar mavorticias aventuras.

Pela temporada das festas de S. João, S. Pedro e S. Antonio realisam-se no Palacio grandes festejos. Accorre ali grande parte da cidade. Um divertimento que tem grande voga, são os bailes de mascarar que fornecem assumpto a muitas chronicas, analyses criticas, enredos de romance...

A classe de proletarios, geralmente, não entra no Palacio. Não se encontra á vontade ao despontar-se com a burguezia.

Infelizmente a população portuense não tem concorrido d'uma maneira salutar para o engrandecimento d'esta empresa e se não fôra a numerosa serie de festas que aqui se realisam já ha muito o Palacio teria deixado de existir. O portuense é geralmente recolhido, não sae a passeio, senão raras vezes. Comtudo é ainda um dos melhores attractivos da cidade do Porto o Palacio de Crystal.

Porto.

I. A.



Visconde de Guilhomil

Presidente da direcção do Palacio de Crystal



Nave central do Palacio

Política Internacional

Realisou-se por fim, o que todos já suppunham irrealizável — o tão anunciado movimento revolucionário da Macedónia. A seu tempo consignámos n'uma das nossas revistas os rumores persistentes que corriam de um levantamento geral contra os turcos nos princípios da primavera. Estava-se então em pleno inverno. A primavera, porém, chegou, e os factos pareciam querer desmentir as sinistras prophécias. Passaram-se em relativo socego os primeiros mezes do verão. E a não ser do descontentamento geral, e uma ou outra tentativa sem importância de algum bando isolado, nenhum symptoma denunciava que, sob esta tranquillidade apparente, se estava atendo o incendio, que não tardaria a rebenhar.

A Rússia e a Austria-Hungria colligaram-se então, mercê do tacito assentimento da Europa, para impôr ao sultão o famoso plano de reformas, que teve o singular condão de desagradar a todos e de nada resolver, precipitando pelo contrario os acontecimentos que procurava evitar. O sultão ficou naturalmente descontente com um projecto, que embora em doses minimas lhe cerceava a liberdade de acção n'uma das provincias do imperio. Os christãos, — em primeiro logar os bulgaros — acharam o projecto acanhado e insufficiente, não tardando em classificar-o de mistificação. Os musulmanos pelo seu lado — mais do que todos os albanezes — viram no plano austro-russo um attentado contra as regalías de que gozavam e desde logo se pronunciaram contra elle, preparando-se para lhe embarçarem a execução. Começou porisso a agitação a crescer. A opposição dos skipetars responderam os comités revolucionarios organisando guerrilhas. O assassinato do consul russo Tchcherbina por um soldado albanez mais excitou ainda o fanatismo dos turcos, que proclamaram o assassinio benemerito da causa do Islam.

A Austria-Hungria e a Rússia, porém, em vez de encarem a situação, que cada dia se agravava, com a decisão que tão melindroso estado de cousas requeria, persistiram em impôr o plano de reformas por todos repellido. O motivo d'esta insistencia, que já está custando rios de sangue á península dos Balkans, e que pôde desencadear temeroso conflicto entre as potencias, é no entretanto facil de descor-tinar.

Tanto a Rússia como a Austria-Hungria o que desejam é manter a todo o custo o *statu quo*. Qualquer d'ellas encontra-se a braços com graves questões, que no momento actual lhe tiram a possibilidade de intervir de modo effcaz para os seus respectivos interesses.

A Rússia tem a lutar no interior com um movimento revolucionario nas provincias do centro e do sul do imperio, que cada dia augmenta de intensidade, chegando a ameaçar a estabilidade das instituições.

Além d'isso a situação internacional é das mais melindrosas, por causa da questão da Manchúria, cuja evacuação é exigida em termos mais ou menos categoricos pela Inglaterra, pelos Estados-Unidos e sobretudo pelo Japão. A má vontade d'este ultimo contra a Rússia tem-se accentuado por modo tal, que não resta duvida que o disparar do primeiro tiro pelo governo do tsar nas margens do Danubio seria o signal do immediato rompimento das hostilidades nas margens do Yalu. N'estes termos comprehende-se bem o empenho do gabinete de S. Petersburgo em impedir a mais leve alteração ao actual estado de cousas.

A posição da Austria-Hungria pelo seu lado não é menos embarçosa. Uma crise grave, cujas extremas consequências não é facil por ora prever, acaba de estalar na Hungria. O partido da independencia, que n'estes ultimos tempos tem ganho numerosas adhesões e sympathias no paiz, pôz successivamente em cheque dois governos ficando de facto o arbitro da situação. Servindo-se como arma do obstruccionismo parlamentar obrigou a demittir-se o ministerio Szell, e logo immediatamente, apenas com quarenta dias de governo, o ministerio Khuen-Hedervary. As exigencias que este partido apresenta para entrar na normalidade e portanto para que se possa organisar um governo estavel em Budapest encontram seria opposição nos circulos officiaes de Vienna, a começar pelo proprio imperador.

N'estes termos, estando ameaçada a propria unidade do imperio pela intransigencia do partido da independencia magyar, como pôde a Austria-Hungria pensar em intervir pelas armas na questão macedonica, que mesmo em circumstancias menos criticas, é de quasi impossivel solução para a monarchia dos Hapsburgos? Porisso em Vienna se trabalha pelo *statu quo* a todo o custo. Demais a rivalidade dos dois imperios na península dos Balkans paralysa-lhes mutuamente os movimentos.

Entretanto a insurreição alastra-se e ganha alento com as primeiras facilidades, porque é indubitavel que até agora são os turcos os que tem sofrido mais revezes. No districto de Ochrida os bulgaros queimaram quinze aldeias turcas. No districto de Klissara, no vilayet de Monastir, os insurgentes apresentam-se em grande numero. A estação-deposito de Zibezhe, os grandes depositos de forragens de Salonica, o Konak de Krashveo e ainda outros importantes edificios e pontes de caminho de ferro em varios pontos foram pelos ares por meio de dynamite. Pôde dizer-se que de facto toda a parte occidental da Macedonia está em poder dos insurgentes.

Ultimamente a insurreição chegou ao vilayet de Adrianopola, e tem-se com justificado motivo que todo o norte da Macedonia adhiria ao movimento.

Até agora os turcos tem estado na defensiva ou por conselho das potencias, que temem que uma repressão demasiadamente severa vá levantar contra o sultão a opinião publica europeia, já bastante excitada com os ultimos acontecimentos, ou, o que talvez esteja mais proximo da verdade, por impossibilidade de proceder com maior energia, em virtude das precarias condições do exercito ottomano. Pelo menos assim o dão a entender algumas noticias dignas de credito. O correspondente do *Times* em Vienna informa este jornal que o mais serio symptoma da situação actual é o descontentamento e a insubordinação dos *redifs* turcos. Em Filip e guarnição desertou toda em grupos de vinte e trinta homens, vendendo os soldados as suas armas aos insurgentes. A todo o momento vê-se o governo obrigado a satisfazer a novas requisições de tropas, que vão juntar-se ás já existentes nas diferentes localidades e d'ellas receber o exemplo da indisciplina, que não tarda a ser contagioso. A falta da indispensavel alimentação e do pagamento dos soldados em atraso converte toda aquella soldadesca em verdadeiros bandidos, que indistinctamente atacam e roubam mahometanos e christãos, açoitados pela dura lei da necessidade. E' com estas tropas que a Turquia se prepara para esmagar a insurreição dos macedonios, que não fazem mais com o actual levantamento do que imitar as outras populações christãs da península, as quaes graças a identicas revoltas conseguiram emancipar-se.

Pôde ser que o egoismo das potencias, auxiliando a politica do sultão, chegue a abafar por agora o grito de independencia d'estes ultimos slavos que falta para resgatar do jugo do Alcorão. O apasiguamento, porém, depois do sangue que vae derramado, ha de ser difficil, tanto mais que de um momento para o outro pôde intervir no conflicto um novo elemento a que até agora nos não referimos, mas cuja acção será decisiva para a solução final do problema.

Queremos falar da Bulgaria. A situação do principado é, com effeito, das mais complicadas, e para admirar será que ella possa assim conservar-se até ao fim.

A questão da Macedonia, em que pese á imprensa allemã, se tem por causa proxima os desmandos financeiros e a oppressão administrativa dos turcos nas provincias europeias do imperio, é no fundo uma questão ethnica, e como tal irreductivel por meio de reformas mais ou menos anodynas. A unica reforma possivel e sensata no caso presente consiste em tirar o territorio revoltado ao dominio ottomano e em dar-lhe uma autonomia analogá á que as potencias não ha muito concederam a Creta. Tambem a anarchia era chronica n'esta ilha, e assim continuou enquanto a governou o sultão. E no entretanto hoje a paz é ali profunda, e a confiança renasceu com a tranquillidade e a segurança pessoal.

Porque se não procede de maneira identica com a Macedonia? Preparar-se-hiam assim preciosas vidas, importantissimos capitães, fazendo-se de mais cessar esse odioso espectáculo, que é uma vergonha para a Europa e um opprobrio para a civilização de que tanto nos ufamamos. A maioria da população dos vilayets revoltados não é nem turca nem musulmana. O elemento bulgaro é o mais fortemente representado, contando perto de meio milhão de individuos. Não admira, pois, que a insurreição encontre echo sympathico em Sofia.

Até agora o governo bulgaro e sobretudo o principe Fernando tem podido resistir á corrente, mas cada vez se torna mais duvidoso que o possam fazer com exito até ao fim. A posição sobretudo do principe é das mais melindrosas e difficéis. Se se oppõe ao sentimento

nacional, que exige a declaração da guerra á Turquia para a libertação dos macedonios, arrisca-se a perder a coroa. E' quasi certo que no caso da insurreição ser esmagada será elle o bode espiatório, a quem se attribuirá o mallogro do levantamento. Se pelo contrario e deixa arrastar pela onda popular e passa a fronteira com os seus batalhões em auxilio dos irmãos de religião e de raça, o destino que o espera é quasi certo — terá a sorte que teve a Grecia no seu ultimo conflicto com a Turquia. Pelo menos as potencias já o preveniram de que no caso do rompimento de hostilidades só comisso pôde contar, não tendo a esperar auxilio algum da Europa. Ora o desfecho de um duello singular entre o pequeno principado e o imperio turco não é duvidoso. O dilemma apresenta-se portanto inexoravel para o pobre Fernando de Coburgo, cuja posição ainda mais critica se torna pela sua qualidade de estrangeiro.

E depois forçoso é confessar que para a Bulgaria a intervenção se impõe, não só pelo sentimento de solidariedade que a une aos revoltos, mas tambem pelos precedentes. Foi em fevereiro de 1878 que pelo tratado de San Stefano, assignado entre a Rússia e a Turquia, se constituiu a Grande-Bulgaria, cujos limites se estendiam do Danubio ao norte até ao Archipelago pelo sul, e do Mar Negro ao oriente até ao lago de Ochrida e á Albania pelo occidente. N'estes limites estava comprehendida a Macedonia, que assim ficava libertada do jugo turco juntamente com os outros povos slavos. Sabe-se, porém, como o tratado de San Stefano foi rasgado e substituido pelo tratado de Berlim. Por este tratado a Grande-Bulgaria foi desmembrada e dividida da seguinte maneira: uma parte autonoma, sob a suzerania nominal do sultão — o actual principado; uma parte meia autonoma, com um governador turco — a Romelia oriental; e finalmente uma parte completa e directamente sob o dominio turco — a Macedonia. A esta parte contudo foram solememente prometidas pelas potencias reformas, que de resto nunca se realisaram. Em 1885 e como consequencia da guerra servio-bulgará a Bulgaria incorporou ao principado a Romelia oriental. Desde então ficou a Macedonia constituindo uma revoltante excepção com respeito ás demais slavos. Não admira, pois, que em Sofia seja invencivel a corrente a favor da intervenção. A irmandade ethnica e a natural ambição de reconstituir a Grande-Bulgaria do tratado de San Stefano explicam e justificam o facto.

Resta saber se a guerra se declarará e se as potencias deixarão esmagar a Bulgaria, no caso mais que provavel da sorte das armas lhe ser contraria.

CONSIGLIERI PEDROSO.

O que se chama em geral retrato: é o conjunto de dois olhos, d'uma bocca e d'um nariz, que, se alguma vez chega a parecer-se com alguém, infelizmente não é com a pessoa que esteve collocada diante do pintor.

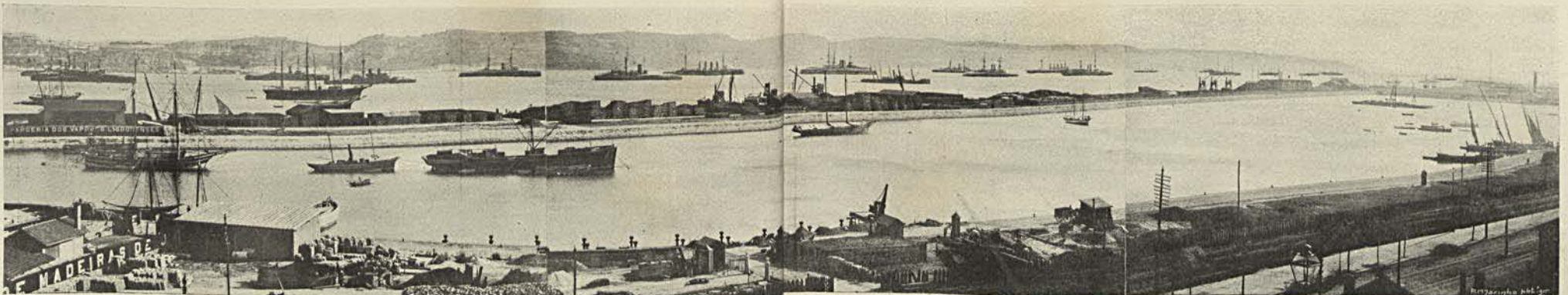
X

ALPH. KARR.

Os revolucionarios politicos parecem-se bastante com estes regadores das estradas e das ruas, que podem fazer lama quando ha sol, mas que não sabem fazer sol quando ha lama.

ALÉX. DUKAS.

A Esquadra Inglesa em Lisboa



Aspecto do Tejo, com os 22 navios ingleses

Palacio de Crystal do Porto



O lago



Gruta do lago



A Mutual Life Insurance

Company of New York

OS MAIORES SEGURADOS

D'esta companhia de seguros, a mais poderosa do mundo, damos hoje os retratos dos seus dois maiores e mais opulentos segurados, Franck Hutchinson Peavey e John M. Mack.

Pelos interessantes cheques que conseguimos obter, e que reproduzimos como curiosidade, se poderão ver as atulhadas sommas com que esses argentarios americanos se seguraram na «Mutual Life».

Chamarão tambem a attenção de quem nos lê as palavras que acompanham esses retratos e que bastam para provar a grandeza da companhia americana ao mesmo tempo que são bastante elucidativas.

A frente da succursal da «Mutual Life» em Lisboa está o sr. Castro e Silva, que com o seu dedicado esforço tem conseguido que Portugal seja um dos paizes mais largamente representados entre os numerosos segurados da opulenta Companhia.

Tres homens preverentes seguraram-se na quantia de Um Milhão de Dollars (Rs. 1.140.000.000) cada um, na mesma Companhia: Chamam-se elles:

O Sr. Geo. W. Vanderbilt, de Nova-York:

O appellido Vanderbilt é conhecido no mundo inteiro por toda a gente que já alguma vez viajou em caminho de ferro.



Franck Hutchinson Peavey

O Sr. Vanderbilt recebeu a sua apolice em Dezembro de 1897 e paga o premio annual de £ 35.000,00 (Rs. 39.900.000).

O Sr. John M. Mack, de Philadelphia:

Capitalista, grande industrial de carros americanos e luz electrica, de reputação universal.

O Sr. Mack recebeu a sua apolice em 17 de Novembro de 1902 e paga o premio annual de £ 48.390,00 (Rs. 55.164.600).

O Sr. Frank Hutchinson Peavey, de Minneapolis:

Foi muito conhecido pelo «Rei dos Cereaes», por ter desenvolvido o mais vasto negocio do mundo n'esta especialidade.

O Sr. Peavey recebeu a sua apolice em 20 de abril de 1900 e pagou o premio de £ 48.390,00 (Rs. 55.164.600) durante dois annos, fallecendo então. Os seus herdeiros receberam £ 1.000.000,00 (Rs. 1.140.000.000).

Estas apolices de um milhão de dollars foram emitidas pela «Mutual Life Insurance Company of New-York», a Companhia de seguros de vida mais antiga dos Estados Unidos e a Instituição financeira mais rica do mundo:

Cada um d'estes homens procedeu independentemente dos outros segurando-se em cidades diferentes e em annos diversos.

A primeira consideração para realisação de um seguro por meio de uma apolice de Um Milhão de Dollars, foi

A Segurancça:

E' a unica especie de collocação que para ricos e pobres está absolutamente ao abrigo de qualquer especulação.

A segunda consideração foi o Lucro — lucro certo, lucro real: duas especies de lucros que raras vezes se alliam.

Ao fazer a necessaria proposta para a sua apolice de um milhão de dollars, o sr. Peavey escreveu segundo o seu modo de ver social:

«Ser-lhes-ha agradável saber que tomei esta decisão só depois de uma investigação completa durante seis mezes e para a qual me dirigi a pessoas competentemente autorisadas. Formei sempre elevada opinião da «Mutual Life Insurance Company of New-York», opinião essa que factos recentes de que tive conhecimento confirmaram plenamente.»



John M. Mack

O Sr. Peavey possuia já uma apolice de vinte e cinco mil dollars, de que a nova apolice de um milhão de dollars foi ampliação.

As investigações d'estes tres cavalheiros, feitas por intermedio dos seus banqueiros e de peritos financeiros, demonstraram que a importancia total dos seus seguros era apenas uma gota de agua no oceano comparada com as reservas poderosas e reaes e com o enorme valor das vantagens offerecidas pela «Mutual Life Insurance Company of New-York».

O exame da saude d'estes homens pela «Mutual Life Insurance Company of New-York» foi tão minucioso como o foi o exame que elles fizeram ao poder financeiro da Companhia:

Os mais pequenos riscos são na «Mutual Life Insurance Company of New-York» examinados com o mesmo cuidado com que os maiores o são: quanto melhores são os riscos tanto maiores são os lucros que d'essa organização mutua advém aos segurados.

N'estas apolices não ha absolutamente nada de especial a não ser a grandeza das importancias:

As pessoas seguras pelas menores quantias teriam as mesmas vantagens pro-rata sem terem menor consideração.

Uma apolice de mil dollars participaria exactamente pro-rata dos lucros obtidos pela apolice de um milhão de dollars.

Uma apolice de um milhão de dollars custa precisamente 1.000 vezes mais do que uma apolice de mil dollars.

Ha muitas maneiras de collocar um milhão de dollars como ha muitas maneiras de collocar mil dollars — mas não ha collocação mais segura e melhor do que um contracto com a «Mutual Life Insurance Company of New-York» — que assegura uma verdadeira participação nos maiores lucros possiveis que lhe provem da prudente collocação de grandes sommas de dinheiro.

Não houve anno algum, mesmo ainda que no mundo financeiro

prevalecessem em geral o pânico e os desastres, em que as colocações d'esta Companhia não fossem convertidas em dinheiro com lucros accrescidos á sua importância.

A prudência dos archi-millionarios é um guia seguro para quem quer augmentar os seus meios de fortuna.

Seja qual fór o vosso grau de riqueza, quaesquer que sejam os vossos rendimentos actuaes; como homens prudentes deveis empregar uma parte d'ellos para a vossa familia ou para as futuras necessidades proprias, em lugar onde durante a vossa vida, nenhum credor lhe possa tocar e onde continue a produzir uma accumulção de lucros certos e estaveis — um auxilio para os vossos ultimos annos. Se a morte vos sobrevier, recebem o dinheiro aquellos que muito mais soffreriam se ficassem privados da importância que adquiristes.

O Sr. Peavey, uma das tres pessoas que receberam uma apolice de um milhão de dollars, escreveu o seguinte:

O fim que tenho em vista é prestar força e dar coragem aos meus novos socios (que são os meus filhos) no caso da minha morte accidental.



Era um homem diligente, de saude robusta, um rico ideal, mas morreu d'uma pneumonia apoz alguns dias de doença; *tinha feito pouco antes o seu terceiro pagamento á Companhia.*

Tinha pago á Companhia:		
Dois premios annuaes de	£ 48,330 (Rs. 55,164,000)	
	ou £ 96,780,00 (Rs. 110,329,000)	
Os seus herdeiros receberam	£ 1,000,000,00 (Rs. 1,140,000,000)	
O possuidor de uma pequena apolice de 1,000 dollars teria pago	£ 96,78 (Rs. 110,329)	
Os seus herdeiros receberiam	£ 1,000,00 (Rs. 1,140,000)	

Oito cents (Rs. 4000) por dia, pouco mais ou menos seriam bastantes para vos segurardes, com uma apolice de mil dollars (Rs. 1,140,000) no caso de terdes 35 annos.

Quando occorreu e foi pago o sinistro do sr. Peavey, havia em caixa para cima de dezesseis milhões (Rs. 18,240,000,000) fóra as reservas addicionaes de trezentos e trinta e seis milhões de dollars (Rs. 383,040,000,000) existentes nos cofres da Companhia.

Mas como excessivo de precaução social todas estas grandes apolices tinham sido re-seguradas na importancia de 750,000 dollars (Rs. 855,000,000) proximoamente, cada uma. Este novo seguro foi effectado em dezoito



Companhias estrangeiras e em quatro companhias dos Estados Unidos. Os herdeiros, contudo só tiveram que tratar com a «Mutual Life Insurance Company».

A importancia da obrigação liquida da «Mutual Life Insurance Company» sobre cada milhão de dollars foi apenas de £ 250,000 (Rs. 285,000,000) somma que em proporção aos recursos da Mutual Life não era maior do que teria sido a de £ 25,000 (Rs. 28,500,000) para uma companhia que tivesse somente £ 30,000,000 (Rs. 39,000,000,000) de reservas, ou que a de £ 2,500 (Rs. 2,850,000) para uma companhia com £ 3,500,000 (Rs. 3,900,000,000) de reservas.

Quando alguém se segura na «Mutual Life», com uma apolice de £ 1,000 (Rs. 1,140,000,000) paga a mesma importancia *pro rata* que paga uma pessoa que possua a apolice de um milhão de dollars e é *co-participante na mesma proporção*, dos lucros que provem das grandes colocações da Companhia.

Para a idade de 35 annos o premio annual de uma apolice de seguro de vida, seria o seguinte:

Por £ 1,000 paga-se £ 27,88 (Rs. 31,8783)	
» £ 25,000 (Rs. 28,500,000) paga-se £ 697 (Rs. 794,580)	
» £ 100,000 (Rs. 114,000,000) » £ 2,788 (Rs. 3,178,500)	
» £ 1,000,000 (Rs. 1,140,000,000) » £ 27,880 (Rs. 31,783,000)	

Os lucros ao fim de um determinado tempo seriam para qualquer quantia a mesma percentagem que para 1000 dollars.

E durante todo o tempo que se estiverem empregando estas quantias, a familia ou os herdeiros estão protegidos pelo seguro de vida, com a importancia da apolice.

As importancias em dinheiro contidas n'estas apolices, que são maiores do que as offerecidas por qualquer outra Companhia, podem ser retiradas em qualquer tempo, ou constituirão uma reserva para a velhice se se deixarem accumular até que o seguro não seja necessario por mais tempo.

O dinheiro collocado n'um contracto com a «Mutual Life» está livre de ser absorvido pelos credos-

res, e ainda se podem realizar empréstimos sobre elle todos os annos ou retirar as quantias em dinheiro estabelecidas.

A quem nos enviar a sua idade exacta e a quantia que deseje segurar remetteremos exemplos mostrando os lucros, garantias e privilegios a que tem direito.

O sr. Vanderbilt, o sr. Mack e o sr. Peavey, seguraram-se cada um d'elles um milhão de dollars na «Mutual Life Insurance Company of New-York» porque sabiam que isso era:

Um emprego de capital seguro;
Uma collocação proveitosa;
Um seguro absoluto contra qualquer especie de catastrophe financeira;
A certeza de receberem uma certa quantia ao fim d'um determinado prazo.

Um contracto para que os seus herdeiros recibessem promptamente a importancia segura, qualquer que fosse o estado de fortuna do segurado, se a morte lhe sobreviesse.

Tendes todas estas razões para vos segurardes n'uma apolice de menor importancia. Se um milhão é para vós uma grande quantia, mil dollars é melhor do que nada.

Fala-se muito hoje em dia das oportunidades dos ricos — os segurados mais ricos da «Mutual Life» pagam o mesmo e não lucram mais, pro rata, do que os mais pobres.

A maior percentagem dos homens ricos provém das fileiras dos proletrarios que dispõem de saude. Estes são para nós sempre bemvidos. Os lucros tanto para os grandes como para os pequenos segurados são pro rata.

E o homem prudente, e frugal, rico ou pobre, quem tem a oportunidade. Os premios da apolice de mil dollars são collocados juntamente com os das maiores apolices e para todos os lucros vigora a mesma Tabela.

O Comité Financeiro da «Mutual Life Insurance Company of New-York» está provada ser o mais competente do mundo. O sr. Frederic D. Tappan, Presidente do Gallatin Bank, Vice-Presidente da New-York Clearing House Association e Presidente do Clearing House Loan Committee — conceder com ninguem dos melhores titulos de renda e acções de Companhias estabeleceram como condição primordial no seu testamento que as enormes quantias que legou para sustento de diversos estabelecimentos pios, fossem exclusivamente applicadas em titulos dos que constituem o activo da «Mutual Life».

Tal é a confiança que merecia aquelle conhecidissimo financeiro, a proverbial competencia e honestidade dos administradores da «Mutual Life».

A vida deve ser uma educação incessante: é preciso saber tudo, para depois falar até morrer.

FLAUBERT.

X

Nas cinzas d'uma correspondencia destruida, ha sempre varias parcelas de duas almas.

TR. GAUTIER.

De Lisboa ás Ilhas

II

Em viagem — Santa Maria — S. Miguel

Amigos :

Cincoenta e quatro horas levou o *Funchal* a percorrer, n'uma recta para noroeste, a distancia que separa a Madeira de S. Miguel, a razão de 11 milhas problematicas por hora e de 23 mil e pico por cabeça, — um ovo por um real. Largámos da amarração ás 8 precisas, com mar calmo e pequena viração do Sul, e assim fomos marginando toda a costa, elevados no panorama, que se estende até ao extremo poente. Os montes elevados do interior da ilha surgiam por sobre as nevoas, ainda accumuladas pelos dorsos acidentados, figurando agulhas e simbórios, suspensos, de grandes cathedraes. Em amphitheatro descaiam socacos manchados de verduras, que vinham mergulhar nas rochas da beira-mar, franjadas de espuma, e onde, aqui e ali appareciam pequenas povoações, como o Jardim do Mar, que parece debruçar-se de um tableiro de flores. Durante mais de duas horas navegámos com terra á vista. Depois o espaço alargou-se para o horizonte, o ultimo rincão de rochedo recuou, as vagas avolumaram-se, cavando-se, formando extensos cylindros esverdeados sem arripios, e de novo ficámos á mercê do acaso no grandioso deserto do oceano. O navio esfalfava-se, meio disposto a adormecer n'aquella quietação convidativa, sem que havia sol vivo: e sem uma nuvem, nem um furacão, nem uma tempestade que cortasse a monotonia da viagem! Faziam-se fartas digestões pelas cadeiras espalhadas no convex, ressonava-se, bocejava-se, e tudo isto n'um silencio de gentes contemplativas. Os corpos tombavam abarrotados do almoço: os espiritos cahiam dentro dos estomagos. Só uma tormenta galvanisaria os desalentados. «Senhor, mande um raio que parta ahí qualquer coisa!» Mas Deus não me ouvia, e a vida de bordo continuou passadamente, inutilmente, como a regularidade arrelvada de um chronometro inglez.

E passou esse dia interminavel e essa noite sem fim, e o dia seguinte e outra noite ainda até que, ás 5 da manhã, se lançou ferro a tres amarras de um grande amontoado de rochas negras, pincladas a vermelho ferruginoso — era Santa Maria. Uma desolação de pedregulhos sem arvôres, sem flores, sem relva, vomitada por um vulcão que se afogou no mar, deixando ali perto as Formigas, pequena affloração de rochedos

traioceiros. N'aquella negrura de carvoaria um muro de estrada, nivelado com um agrupamento de edificações baixas, riscava um traço branco descendo para a praia, e para a enseada exigua. Havia o que quer que fosse a relembraçã a tristeza e o escaldado de S. Vicente. N'este deserto saltou Colombo no seu regresso da America. Com que alegria o glorioso descobridor poz pé n'esta parcella da Europa, e com que devoção ajoelhou na igreja de Santa Maria a ouvir a missa que mandára rezar em acção de graças! A ilha foi descoberta, em 1432, por Gonçalo Velho Cabral, e com o decorrer dos annos logrou certa importancia, empolgada mais tarde por S. Miguel. Pobre ilha!

— E é isto a guarda avançada dos Açores tão cantados por poetas, por prosadores e por patetas baïrristas?!

— E, ciciou uma voz ao meu lado.

Dei um salto. Bamboleavam-se na minha frente o homem do *Catropo*, dependurado do seu cachimbo vulcanico. «O senhor aqui? bradei: E, emendando: «Muito prazer...!» Afinal era quasi um allivio, era quasi uma consolação para a minha nostalgia a appareição milagrosa do sabelido acoriano, o meu Boedeke vivo, que logo explicou: Ia a S. Miguel, ia á Terceira, ia á Horta, e ás Flores e ao Pico, e ao Corvo a matar saudades, a sonhar grandezas e progresso, e a chorar o strazido de todos aquellos paraizos perdidos no Atlantico. A sua voz em strazido tinha melancolias de crepusculo.

— Não imagina! *faz*. Não ha hotéis, não ha estradas, não ha nada, não ha iniciativa particular, não ha iniciativa official. Os capitães retrainem-se, o governo esquece-nos para cuidar de votos e de administradores de concelho, o clima amollece, e as coisas são o que eram ha 20 annos, ha um seculo. E, no entanto, ha maravilhas extranhas n'esses pedaços de terra que se chamam Açores. Ha oasís afundados em valles fertes, ha orgias de luz, e de ar e de aguas thermaes capazes de resuscitar um morto e de curar o universo doente. E tudo corre em liberdade, sem proveito, esquecido de todos, sobretudo dos continentes que vão a Paris e nunca visitaram os Jeronymos. Ha muita ignorancia no seu paiz... no nosso. E muita indifferença por isto. Ninguém nos visita: mas visita-se a Suissa, e o Vesuvio. Pois nós temos durentas Suissas n'uma só ravina de S. Miguel, e cincoenta Vesuvios mais civilizados, que lançam flores em vez de lava. O seu rei e a sua rainha vieram ver-nos vae em dois annos. Pois esse bello exemplo não nos trouxe uma amostra de excursionista portuguez. Uns ingratos os do continente! uns falsos patriotas! uns indignos descendentes dos grandes navegadores!... Gente que enão affinal! A Belgica percorre as nossas montanhas, e desce os nossos desfiladeiros, a Inglaterra pasma e perde o seu *spite* a beber os nossos ares, a America inveja-nos como uma boa *coal station*, ao passo que nós cruzamos os braços, muito orgulhosos com as tradições deixadas pelos bravos do Mindello. Falta um ferro em braza a despertar vivacidade e brio. Dá vontade de morrer entre as nossas riquezas soterradas em montanhas de verdura. Dá vontade de desaparecer com todas as nossas ma-



AÇORES — Ponta Delgada - Vista geral

ravilhas na fumarada de uma erupção, como a de 1522 que afogou Villa Franca do Campo, e que sumisse tudo nas funduras d'este mar...

E o seu olhar enternecido, abrangendo o oceano, fixou-se n'um ponto escondido á flor da agua. Partiramos havia muito de Santa Maria que se encobria já e vogavamos n'um deserto. Nem um rolo de fumo no horizonte, um navio, uma vela branca! Era 11 da manhã Avistavam-se



Costumes michaelenses — O capôto

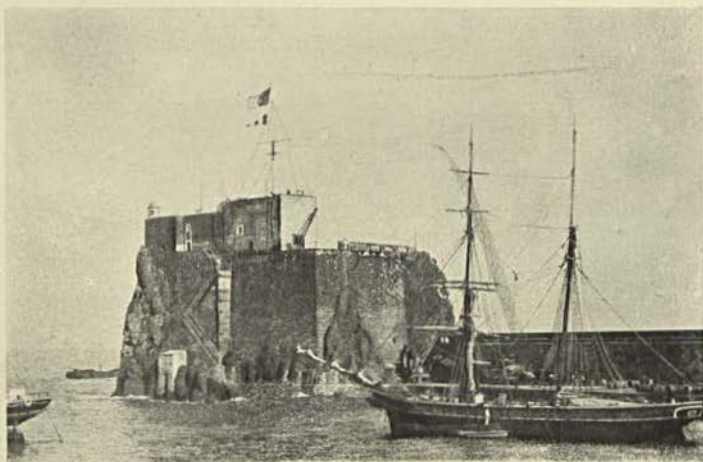
S. Miguel e foram os seus olhos de mareante os que primeiro divisaram a ilha. Arrisquei uma pergunta: «E de S. Miguel?» Era de S. Miguel, e de Santa Maria, e da Terceira, e do Fayal. Nasceu ao mesmo tempo em todas as ilhas, nas Furnas e no Pico. Era tudo aquilo um continente grandioso, mas mais pequeno do que o seu coração de açoriano — um coração em que a alma da patria cabia á vontade. N'um impulso de consolação estendi-lhe a mão. «Rabugens de velho que morre sem ver o que deseja, disse. Obrigado. Faz bem sentir-se uma pessoa compreendida.» Ficava sellado novo pacto n'esse aperto de mão e nós ficavamos outra vez amigos, elle sem me conhecer, en na mesma ignorancia d'aquelle ser extraordinario.

A ilha de S. Miguel — recorro á sapiencia incontestavel do meu guia — entrou para o dominio da corôa portugueza mercê do velho Velho Cabral, que, na sua febre de descobrimentos, a desvendou no glorioso dia 8 de maio de 1444, dia da appareção do archanjo. Foi Cabral o seu primeiro capitão donatario, nomeado pelo principe regente. Os do navio saltaram a leste, n'uma pequena enseada a que se poz o nome de Povoação, que ainda existe na base d'um planalto dos mais fertis da ilha — as Lombas da Povoação. Deixando ali alguns colonos africanos, Velho Cabral partiu, marcando no seu roteiro de bordo uma alta montanha, que lhe serviria de baliza. Mas no anno seguinte, essa enorme montanha, que demonstrava a oeste da ilha, desaparecera. Subvertiera-se uma convulsão violenta. Esse picco occuparia então o espaço caprichosamente arredado de arestas e cavado de lagoas em que hoje se encontram as *Sete Cidades*. Cedo a palstra ao meu recente amigo, e ao seu estylo imitavel:

— Que bello espectáculo o d'esse tremor gigante que achatou um rochedo de 6 mil pés de alto e de 10 kilometros de base, enterrando-o pela

terra dentro! E alarmaram-se os fiscoetas enfiados com o reles abalo ha dias noticiado pelos arames! O açoriano nasce entre crateras, dormo embalado por terremotos, passa a lua de mel ao pé das caldeiras, envelhece entre emanações de sulphuro. O açoriano não é efeminado e aprende, á beira do perigo, a desprezo-la, a ter vigor, a ser forte. E vem de seculos esta energia atavica á dos corpos e das almas, que os paes transmitem aos filhos e as gerações vão herdando pelos tempos fóra. Um tremor de terra não nos tira o somno. E' um habito. Em 1663 a ilha dancou uma valsa cadenciada durante 15 dias e ninguém deixou de dormir. No segundo quartel do seculo xvii, em 1630, acellá, vê? nas faldas d'aquella montanha que domina as Furnas, abriu-se uma grande boca de fogo, n'uma lagôa secca — um boqueirão grandioso que resfolegou durante muito tempo, atirando fálhas e cinzas que o vento levava de presente até á ilha de Santa Maria. Pois os nossos avós foram, com os filhos pelas mãos, ver o espectáculo gratuito. No continente pagam-se oito tostões para ver palhaços e comicos. Em 1630 ouviu-se o primeiro grito contra o jugo castelhano. Em 1632 o pico do Paio fez-se pico do Fogo. A terra a tremer presentee-nos com uma cratera brilhante, e ninguém teve ataques de nervos. No começo do seculo xix, perto do logar dos Ginetes, uma erupção submarina stirou para a superficie do mar um ilhéu que tinha 500 pés de altura. Foi lá toda a gente ver a rocha, que seria um optimo local para um pharol, se não fosse a pedanteia de um inglez. Esse mareante, que era capitão da fragata *Sobrius*, saltou no penedo, e, em nome da Grã-Bretanha, hasteou sobre elle a bandeira do seu pais, que assim fingia descobrir alguma coisa pela primeira vez. Mas o penedo indignou-se e, de envergonhado, dois mezes depois mergulhou nas aguas, levando para o fundo o pavilhão e a gloria do Reino Unido. Em 1848 houve, durante um *mae*, um tremelicar em toda a ilha, e não se deixou de almoçar e jantar. Quatro annos depois, repetiu-se a festa com morteiros subterraneos. Em 81 a ilha estremeceu até aos seus mais fundos alicerces e, nas Furnas, desabou uma montanha de 1000 pés, deslizando suavemente sobre milharas e lombas, como o *Patris* sobre o estaleiro do arsenal de marinha. Ninguém ardeou pé dos laranjeas, a grande riqueza da ilha, hoje substituida pelas estufas de ananazes, que por ahí se alastram como estendadas de lavadeiras...

Emagado por esta avalanche de erudição, os meus olhos seguiam n'uma tristeza crescente os arabescos da ilha, que me reservava terremotos e cancaus, jactos de lume e roncos infernaes. Por mais que evocasse exemplos heroicos do men reus, por mais que rememorasse os feitos grandiosos da Anna Brites, *culgô* Padeira de Aljubarrota, a detemida algarvia, por mais que appellasse para a energia da moirama, minha ascendente, e para os marujos que afrontam a rir os mares de Larache, eu sentia um desfalecimento e o que quer que fosse que me impellia a retroceder a nado para outras regiões de rouxinolos e de civilização. Toda a minha coragem, nunca provada, esmorecia perante a desconsoadora perspectiva de um cataclysmo, em que a minha pessoa naufragaria indistinctamente abaixo de um prosaico pedaço de penedo. E cêrei ao pensar no grande arredo da Rainha de Portugal (ella uma corajosa franceza, eu um cobardissimo descendente (talvez dos reis de Marrocos!), que metteu um dedo na caldeira do Botelho, e bebeu agua a ferver, sorvendo-a por uma folha de inhame!



FUNCHAL — A Pontinha — ponto de abrigo e desembarque em dias de temporal

Mas, pouco a pouco, os meus nervos serenaram, e os meus olhos apaixonados enceram-se de meiguice. A ilha adocçava as suas linhas severas, os picos faziam-se redondos e macios de lóas, os rochedos perdiam o aspecto vulcanico e temeroso, e appareciam á luz do sol, suaves, mostrando-nos milhos ondulantes, cearas loiras, cambiantes de verdes, macissos espessos, sebes de hortenses fechando herdades, plantações viciosas

que indicavam seivas pujanças. Todo o quadro tetrico traçado pelo meu homem desaparecia diante d'aquella natureza que ria e cantava por sobre os 61 kilometros da formosa ilha que repousa, alongada, como enorme cetaceo no Atlantico, e que a leste é dominada pelo Pico da Vara, grande montanha acimzentada de cerca de 3000 pés, e a noroeste pela Lomba da Cruz com perto de 3000 pés! Ao nascente, voltada ao sul, Villa Franca de Campo, a primitiva capital da ilha, erguia-se em amphitheatro toda alveante, banhada pelo mar, e destacando-se fortemente nos alicerces abanulados da serra de Agua de Pão, de 3070 pés, que vem terminar bruscamente por uma especie de reducto de pedra, cortado a prumo sobre as vagas — a ponta da galeria. Logo adiante apparece n'uma curva a villa da Lagôa, garrida e branca. E de subito, além do areal de Rasto de Cão, prolongando-se para oeste, a cidade de Ponta Negada, que sobe por minúsculas escadas e termina nos rochedos da Pauta da Sardinha. Meia hora depois o *Funchal* amarrava á boia, na doka, protegida pelo quebra mar, desmantelado ha pouco por uma invernia.

— Ah! tem essa bella obra que já enguliu muitos milhares de contos, e que desaparecerá em breve, agora que o sen governo diminui a dotação annual. Foi começada em 1861 e deverá ter 12000 metros de comprimento, se se terminar. Mas não chegaremos lá. Miséria! Olhe para este lado. Ah! tem a nossa Fiza açoriana, tão morta como a outra. Foi sempre assim e não desperta do torpor em que tombou. E é bella vista do mar! Tem um ar varonil e altivo, um ar assediado de morgada garrida que se lava, de andaluzia com flores na trança. É uma pessoa muito religiosa, e timorata. Lá a Biblia e folheia os seus pergaminhos. Guarda os domingos e as genealogias gravadas, pelos paes, por esses penedos e fortalezas. E basta. Enervada pelo clima e paralyzada pela timidez, poz um signal na ultima pagina da sua historia, fechou o livro e adorneceu. Estacionou.

— E aquillo que é?
— É o castello de S. Braz que domina o porto e a cidade. Ali se hasteou a nossa bandeira em 2 de agosto de 31, dia em que se acclamou D. Maria II e a Carta, e em que os constitucionaes derrotaram os migue- listas na celebre batalha da Ladeira, que o Villa Flor dirigiu. Temos uma historia gloriosa nos combates pela liberdade e pela independencia. Que o digam os Filipenses em 1588. Que o digam os 7500, muitos dos quaes foram recrutados aqui. Que o diga a dictadura de 1846. Outros tempos: outra tempera. Hoje a machina não funciona á falta de elementos que andam dispersos, e nós navegámos á matroca, sem leme e sem bussola.

O *Funchal* seguiu para a Terceira deixando-nos presos na ilha, a 37°45' de latitude N e 25°41' de longitude oeste de Greenwich. Estamos, eu e o meu cicerone anonymo, isolados do resto do mundo, dentro do ingenho *Hotel Açoriano*, a dois passos do porto artificial, e com as almas voltadas para o mar largo, auciando por noticias de lá. Separaram-nos do Tejo a bagatella de 830 milhas. Se uma convulsão monstro engulir a ilha, nem as nossas pobres almas se salvarão. Iremos para as profundas de nevoa — valha-nos isso! — com os pittorescos chapellos das michaelenses que de onde em onde escondem rostosinhos bonitos de raparigas esquivas.

Vamos partir para as Sete Cidades, ao encontro de perigos estrepentes, armados de uma coragem que envergonharia os velhos heroes das batalhas, e protegidos pelo olhar docemente ironico da Senhora Mãe de Deus que do alto da sua igrejainha parece abençoar-nos...

E até breve.

LOBRÃO TAVARES.

Dr. Pereira Passos

O dr. Pereira Passos, actual Prefeito da cidade do Rio de Janeiro, é indubitavelmente, neste momento, o homem que tem voltadas para si, não só no districto cuja administração exerce dictatorialmente, mas tambem no Brasil inteiro, todas as vistas e todas as attentões. Na construcção de estradas de ferro, na direcção de empresas de carris e de vias ferreas, e, notavelmente, na da E. F. Central do Brasil, de agosto de 1876 a junho de 1880, e de setembro de 1887 a março de 1889, salientaram-se tão excepcionalmente as suas aptidões technicas e administrativas que, de ha bastantes annos já, vinha impondose o seu nome ao grande publico e aos responsaveis pela alta administração, para o desempenho do elevado cargo de chefe executivo da Municipalidade da Capital. Fundamentalmente avesso á politica e aos apertados moldes burocraticos; tendo percorrido, com um elevado espirito de observação, o mundo inteiro; possuindo vastos conhecimentos praticos da vida commercial e industrial; amante das artes, cujo culto exarante na sua elegante vivenda das Laranjeiras, entre obras-primas de mestres na pintura, na escultura e no mobiliario; espirito progressista; vontade firme; resolução prompta; e, mais que tudo e acima de tudo, alma brasileira, minada pelo só desejo de vêr a sua terra polida e acceida, merecedora de sympathias e de admiração: — a nenhum outro deveria caber a tarefa, ardua e brilhante ao mesmo tempo, de erguer do

abatimento a que chegára a cidade do Rio de Janeiro, que o mundo lá fóra confunde com todo o Brasil.

Nos treze annos de republica, tem a municipalidade da Capital Federal gasto para mais de duzentos e cincoenta mil contos; e, considerandose que os serviços de agua, gaz, esgotos, incendios e parte da policia não providos pelos seus cofres, em tão se procura em que tão quantiosa somma foi dispendida. A cidade continnos tortuosa, suja e triste, com um desagradavel aspecto mesquinho e avellentado, que a linha caprichosa e soberba do horizonte montanhoso mais accentuava e punha em relevo. Pois bem: nos cinco mezes decorridos, tempo apenas sufficiente nas administrações transactas para o exame dos papeis e para o estudo das questões... pendentes, o novo prefeito tem desenvolvido uma tão extraordinaria actividade em todos os ramos da administração municipal, que as rendas augmentaram, as ruas alargam-se, calçam-se e arborisam-se, os jardins multiplicam-se, desapareceram os mendigos, as lojas, de antigos bazarieiros, transformam-se em armazens decentes e convidativos, a cidade inteira limpase, escova-se, pinta-se, lustra-se, e o povo paga sem repugnancia os impostos devidos. E, coisa imprevisível e admirável! os funcionarios municipaes, em tão grande numero e em atraso de vencimentos estão todos pagos em dia.

Durante a prolongada crise em que o Brasil se debateu ultimamente, ninguém duvidou um momento da sua completa rehabilitação. No que respeitava ás tristes condições financeiras e administrativas do districto federal, era bem outra a opinião geral: *tudo nunca mais endireito, dizem todos*. O milagre, porém, operou-se. Fizeram-no a intelligencia, a vontade e o patriotismo de um só homem, já hoje credor do reconhecimento dos seus compatriotas, do applauso e do respeito de todos: é o dr. Francisco Pereira Passos, cujo retrato o *Brasil-Portugal* hoje insere, acompanhado de ligeiras notas biographicas.



Tudo o excesso de prazer é compensado por uma somma igual de trabalho e de aborrecimento. Não se gasta impunemente n'um anno uma parte dos rendimentos do anno seguinte.

SWIFT.

✻

Nada se parece tanto com um asno vestido com elegancia, do que um mau livro bem encadernado.

ABELLON SWOLL.



Dr. Pereira Passos

Exposição hypica na Real Tapada da Ajuda



O cavallo mais notado — Alter-Real



Uma manada



Cavaliariças do Sr. Palha Blanco



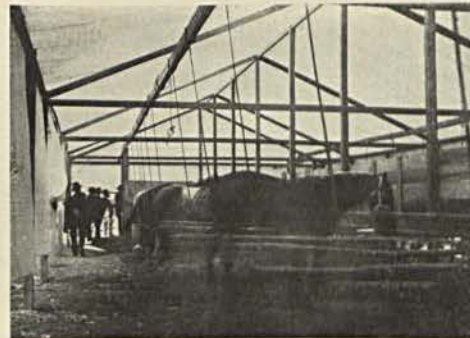
Os chamados para exame



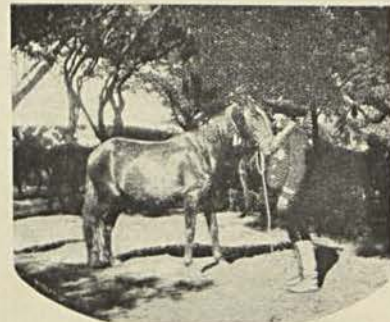
O primeiro exame



Jury funcionando



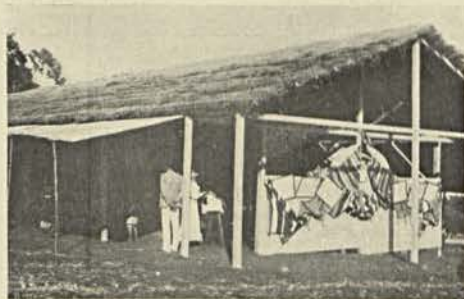
Cavaliariças militares



Uma egua pertencente à Casa Real



Cavallo do Sr. Palha Blanco, passeando



Cavaliariças da Casa Real



As cocheiras do Sr. Palha Blanco



Egua e poldro do Sr. Palha Blanco

As ruínas de Segesta

Podemos oferecer hoje aos leitores do *Brasil Português* uma página preciosíssima extraída do *Jornal de Viagens*, 1830, em que o sr. duque de Orleans, irmão de S. M. a Rainha D. Amelia, costuma consignar as suas impressões de viagem.

O sítio de Segesta (na Sicília), cidade fundada pelos Trojanos muito anteriores á dominação grega, fica a umas cem leguas de Zucco, sobre a estrada de Castellamare a Catalámi. Estas alturas formam um importante ponto strategico disputado no transcurso dos seculos, ora pelos partidos contrarios, ora pelos invasores de nacionalidade diversa.

Um theatro em ruínas, umas thermas em ruínas, e um esplendido templo deserto, ao qual o nome de ruínas não é applicavel: eis aqui tudo o que sobrevive da antiga e populosa Segesta.

O edificio religioso apparece emergindo d'um planalto sobre o qual irradia, de dia e noite, a reverberação dos clarões do eterno incendio entredito a distancia pelos vulcões sicilianos sempre mais ou menos incandescentes. A columnata pesada e os architraves d'este templo infundem uma sensação profunda pela força de resistencia e pelo tragico destino de que vão perpetuando a memoria. Tres mil annos passaram em cima d'essas columnas e capiteis de marmore, sem lhes produzir a menor alteração.

Quando o sr. duque de Orleans se demora em Zucco, gosta de visitar só ou acompanhado de certas pessoas este monumento das civilisações desaparecidas, cujo perill tira da profundidade dos seculos o que quer que seja da magestade, da grandiloquencia, proprias dos poemas de pedra.

A narração que se vae ler foi escripta pelo Principe, no dia immediatamente a uma d'estas suas excursões.

«Dirigi-me a cavallo para o interior da Sicília... oh! não para muito longe!... Queria tornar a mergulhar-me na vida selvagem, reviver a minha antiga vida errante, n'esta bella terra d'África que tanto ano e tanto se coaduna com o meu espirito. Estamos entre altas montanhas aridas e escalvadas cabindo a pique nas ondas azues do mar. Apenas algumas gargantas apertadas, escuras, as sulcam. São, dizem, refugios de saltadores. E' a vida primitiva, é a natureza ostentando-se em toda a sua virginal nobreza; amo a por instincto, quero possuil-a, aspirar o acre perfume d'essa selvageria que todos desprezam, porque este seculo gasto e degenerado não tem já a força e a energia necessarias para lhes apreciar a sublime belleza.

«A uns cem kilometros d'aqui, ergue-se o mais bello templo grego que é possível encontrar.

«Em geral, os monumentos deixam-me frio, mas é um pretexto para ver o paiz.

«Para evitar o calor e dar mais intensidade e cunho ás minhas impressões, viajei de noite sob um céu puro e estrelado; a lua, minha velha confidente, a amiga de todos os povos do Oriente, espelhava-se no vasto golpho liso como crystal.—Tudo tranquillo. As oliveiras millenarias parecem pallidos virios de prata, levantando para o céu os seus ramos em reflexos de variados cambiantes.

«De quando em quando, levanta-se a alta melodia d'uma canção arabe que vem morrer n'uma nota triste e grave, que exprime tão bem o caracter musulmano; responde-lhe o nivar lugubre do céu estendendo-se ao longe em ondas sonoras, repetido por todos os camaradas da visinhança.

«E' o alerta da sentinella do deserto!

«E pensativo, montado no meu cavallo, admiro, escuto e recordo-me...

«São as minhas primeiras impressões do Oriente que eu relembro, as minhas saudades d'alferes, as minhas illusões, as minhas esperanças.

«Mas, por detraz de mim, o piar plangente da coruja occulta no buraco d'uma oliveira vem-me chamar á realidade e á tristeza...

«E como esta tristeza me é doce e querida!... E' graças a ella, que na minha solidão, posso apreciar todo o encanto d'esta natureza triste e selvagem; estas montanhas, estes desfiladeiros escarpados, com as suas fortalezas árabes ou normandas, são soberbos.

«Cada volta do caminho offerece á vista um aspecto novo: aqui um velho *marabout*, recordação sagrada d'um crente, alli um solar acastellado, designado quasi sempre sob o nome de «Castel-Bourbon», vestigio da dominação normanda.

«A estrada serpeia entre cactus e aloes, e a lua ao longe reflecte-se n'um espelho de prata.

«Os raros pacificos transeuntes, com quem cruzo no caminho, saudam-me n'um *patois* que lembra o normando; e o meu espirito, embalado n'um delicioso sonho, transporta-se do passado e vóa para outras regiões. Suave illusão que vem acalmar a minha tristeza e dulcificar as chagas vivas do meu coração.

«Mas as estrellas empallidecem. As montanhas, prata e aço polido, revestem-se de tons arroxeados! E' a aurora, e de repente, como no Oriente, por detraz dos altos cumes cobertos de neve, surge o disco ardente do sol.

«Chego precisamente a uma cidade normanda agarrada ao flanco d'uma alta montanha. As casas esqueladas parecem despenhar-se no valle, illuminadas pela alba nascente da madrugada e, dominando tudo, ostentam-se dois monumentos, emblemas da gloria e do passado d'este paiz. O monarcha musulmano, frio e recolhido; o castello forte, imponente e dominador, desmantelado hoje, como que chorando a ruina e a decadencia da antiga nobreza,— a verdadeira, — a dos cavalleiros e dos heroicos fidalgos. E' n'estas duas imagens juxtapostas, sente-se toda a alma, toda a poesia d'este povo, tão bom, tão corajoso, mas tão mal tratado.

«Tem a creença forte dos musulmanos, a tradição e o culto da velha cavallaria...



Ruínas de Segesta — Sicília — Um templo



Ruinas de Segesta — Sicilia — Umas thermas



Ruínas de Segesta — Sicília — Um theatro

«Pelas vindimas, nas feiras, que espectáculos reclama esta gente, dos emprezarios de theatros ambulantes e infantis que se improvisam ao ar livre, para os divertir nas horas do serão.

«Farças, fantochadas?

«Não! isso é bom, dizem esses primitivos, para os senhores da cidade. O que elles querem, o que elles desejam, são canções; são os combates de cavalleiros, que é preciso representar-lhes para os contentar, falando se sempre n'estas scenas dramaticas, da França e dos cavalleiros francezes.

«Nos seus carros tão pittorescos, pintados por artistas especiaes, só se veem episodios das cruzadas e guerras da idade media, em que os francezes desempenham sempre os papeis mais gloriosos.

«Não conhecem a França moderna estes pobres, estes bemaventurados!...

«Ao sair da villa, passam por mim mulheres levando á cabeça amphoras antigas e descem em longas procissões a buscar nos destiladeiros a agua da torrente.

«Depois, de repente, a um lado, sobre um rochedo a prumo, apparece o templo grego, solitario, immenso, no meio do deserto e da aridez da montanha que elle parece coroar.

«E' um espectáculo grandioso e que dá uma alta idéa da concepção que os antigos tinham da divindade e do seu culto.

«A cidade desapareceu; mas o templo ficou de pé e intacto. As columnas erguem se sem defeito, sem uma fenda, em toda a pureza das suas bellas linhas simples e cheias.

«Nada vem despoietisar esta maravilha cujo quadro realça ainda a magestosa harmonia: dir-se-ia que houve intenção de respeitar este monumento do passado.

«Envolvem-n'o a solidão e o silencio...

«No pincaro do mais alto monte existe ainda o antigo theatro. Tem como scenario o mar e as cordilheiras de toda a Sicília, que domina em toda a sua altura: 700 metros.

«Aos pés desdobra-se o panorama da planície cultivada. N'um d'estes bellos nacer do sol africano, nada se pôde ver mais maravilhoso e fiquei-me por muito tempo em extasis, absorvendo o ar frio da manhã trazido pelas brisas do mar.

«Mas ai! todos os bons sonhos teem um fim. E era preciso pensar no almoço e no regresso.

«Eis-me de novo cahido na civilisação com todas as suas hediondas banalidades.

«Acho a sala da hospedaria triste, fria e vulgar, com os seus chromos e as suas flores de cartão. A carruagem que me conduz é rodeada d'um numero imponente de guardas a cavallo que me cobrem d'uma nuvem de poeira.

«No entanto, n'esta nuvem illuminada pelo sol poente, em que só vejo reluzir os sabres e os freios dos cavallos, penso nos arabes, nos cavalleiros, finalmente em todo o glorioso passado d'este encantador paiz.»

DUQUE DE ORLEANS.



Na feira em Evora

El-Rei trajando á lavrador, a cavallo

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora

Largo do Conde Barão, 30

Paginas supplementares: O.ª Estrella Nunes & F.ª
Rua d'Assumpção, 18 e 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Viktor, Lottó Taveira

Secretario da redacção — João Costa

Editor — Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração — C. do Sacramento, 14, 3.ª
Esd. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno.....	36\$000	ANNO.....	24\$000	Anno.....	24\$000
Numero avulso.....	2\$000	6 meses.....	12\$000	6 meses.....	12\$000
		3 meses.....	6\$000	Numero Avulso.....	2\$000
		Numero avulso.....	2\$000		

SUMMARY

TEXTO

O 37.º anniversario do Palacio de Crystal do Porto — I. A.
Politica internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.
De Mutual Life Insurance
De Lisboa de ilhas — II — LOTTÓ TAVIERA.
Dr. Pereira Passos.
As ruínas de Segesta — DUQUE DE ORLEANS.

GRAVURAS

PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO — Visconde de Guilhomi — Varios trechos dos jardins e do Palacio de Crystal.
A ESQUADRA INGLEZA NO TEJO — The Mutual Life — Retratos dos dois maiores segurados e specimen dos cheques.
DE LISBOA AS ILHAS — Vista geral de Ponta Delgada — O Capello — A pontinha no Funchal.
DR. PEREIRA PASSOS.
EXPOZICAO TIPICA NA REAL TAPADA DE AJUDA — Varios aspectos.
RUMAS DE SEGESTA NA SICILIA — Um templo — Umus thermas — Um theatro.
NA FEIRA EM EVORA — El-Rei trajando á lavrador, a cavallo.

34 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

No Continente

PORTO — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 40.
PONTE DE LIMA — Gama, Amaral & Com.ª.
ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.

AI COBAÇA — José Narciso da Costa.
TAVIRA — José Maria dos Santos.

Nas Ilhas

MADIEIRA — H. Vieira de Castro, director do Banco de Portugal.
S. MIGUEL — José Claudio de Sousa.
TERCEIRA (Angra do Heroismo) — Manuel Ernesto de Sousa — Rua da St, 61-64.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 15.

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso Francesa — Rua Afonso de Albuquerque.

No Brasil

RIO DE JANEIRO — (Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodoro Pupo de Moraes e José Martins Follo, Rua de Alfandega, 4, sobrado.
FERREBDO — A. Leopoldo da Silveira.
— Rua Primeiro de Marco, 14.
PFLIAS, PORTO ALEGRE e RIO GRANDE DO SUL — Pintos & C.ª — (Livreria Americana).
PARA — J. B. dos Santos — (Livreria Classica) — Rua João Alfredo, 5p.
MANAOS — Jayme de Camara — Livreria Classica — Rua Guilherme Moreira.
MARANHÃO — Roberto Majoli Caixa de Correo n.º 4.
BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães) — Rua Direita do Palacio, 35.
VICTORIA — Estado do Espirito Santo — Guimarães e Coelho — R. da Alfandega, 15.

P. PAULO — Abreu, Irmãos & C.ª.
SANTOS — Zepherino Lourenço Martins, vice-consul de Portugal.
AMPARO — Dr. João Guedes, Rua do Capitão Miranda, 8.
RIBEIRÃO PRETO — A. Vianna Pinto de Sousa, vice-consul de Portugal.
RIO SOLIMÕES — J. C. Mesquita (casa Anderson) — Manaus.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho
BEIRA — Antonio Francisco Ribeiro.
MORAMBIDA — Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUEILIMANE — Henrique Jorge de S. Neves.
BENGUELLA — Mathews & Tavares.
LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Rector da Silveira de Lorena.
S. THOMÉ — L. A. B. Alves Mendes

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO
Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

MAGNIFICO SORTIMENTO DE FAZENDAS
NACIONAES E ESTRANGEIRAS

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

POSSEDORES DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.ª

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 120, 152, 154 e 156 — LISBOA

Proprietarios de casa e maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garantia em todas as
commodidades e boa qualidade, perfeição e modicidade de preços.

Proveem os preciosos vinhos
de Adriano Ramos Pinto

VINHOS

VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE

VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.^a

Rua 1.º de Marco. 59 — RIO DE JANEIRO

JOSÉ CLAUDIO DE SOUZA

Agencia da TINTURARIA CAMBOURNAC, de Lisboa

E DA

MANUFACTURE FRANÇAISE D'ARMES DE SAINT ETIENNE

Estabelecimento de quinquilharias

VENDA A RETALHO E POR ATACADO

Agencia da REVISTA ILUSTRADA
BRASIL-PORTUGAL

Encarrega-se de tomar assignaturas para todas as publicações nacionais e estrangeiras.

Rua Nova da Matriz, 7 e 9

Ilha de S. Miguel (Açores)

PONTA DELGADA

Companhia Trasatlantica de Barcelona



LINHA DE FILIPINAS

Saídas de Lisboa de 4 em 4 semanas, com serviço de mercadorias e passageiros para Port-Said, Adem, Colombo, Batavia, Bombaim, Buslure, Calcutta, Kioço, Hong-Kong, Kurrachea, Manila, Saigou, Shanghai, Sidney, Singapore, Suez, Iokohama e outros portos de Asia e Oceania. — Passageiros para Macau.

Serviço de mercadorias e passageiros de Liverpool para Lisboa. Passageiros para Cadix, Cartagena, Valencia e Barcelona, e com transborda em Cadix para Tanger, Gibraltar, as Antilhas (Cuba e Porto-Rico), Veracruz, New-York, Montevideo e Buenos Ayres.

Para carga e passageiros trata-se com

Os agentes,

Henry Burnay & C.^a

LISBOA — Rua dos Paquetiros, 10. 1.º

Compagnie des Messageries Maritimes

Paqueta posta française

Linha Transatlantica



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres

Os passageiros de 3.ª classe podem dirigir-se a OREY ANTUNES & C.^a — 1.ª Praça dos Remo-lares.

Para passagens, carga e todas as informações trata-se na Agencia de Companhia — 37, Rua Aurora

Os agentes, SOCIEDADE TORLADRES

MALA REAL INGLEZA

ROYAL MAIL

STEAM PACKET COMPANY

Viagens quinzenaes

PARA O

BRASIL E RIO DA PRATA

Pelos magnificos vapores d'esta antiga Companhia

Prestam-se todas as informações na rua d'El-Rei, 31.

OS AGENTES,

JAMES RAWES & C.^a

ALPAYERIA "CONFIANÇA"

R. dos Paquetiros, 101, 1.º

JAYME PIRES & COM.^a

Fabrics nacionais e estrangeiras. Confeccões para homens, senhoras e crianças. Fardamentos militares e todos os uniformes.

Preços resumidos

Fadon completos pretos, azuis e em cores, de

6\$000 a 20\$000

Ditos de fazendas estrangeiras, de

18\$000 a 24\$000

Excelência sortimento em sobretudos,

Dooblas-capas e varinos d'Ireire.

Capas d'hozapoulo, fahri e especial da nossa casa, de

14\$000 a 24\$000

OFFICINAS PHOTOGRAPHICAS

sob a direccão technica de

ARNALDO FONSECA

RETRATOS a toda a hora e com todo o tempo.

NOVIDADE: — Retratos de noite das 7 ás 10 horas.

Estes retratos são d'um inextinguível modelado.

38, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 38

LA UNION Y EL PEÑI ESPAÑOL

Capital social 2.400.000.000 réis

38.000.000.000.000

De estatutos para mais ver em 1910

PHILIPPS E FILHOS, S.A.

Agencia de seguros, seguros

de que se trata

Egualtor Alcantara e Uniao Maritima

Compagnie des Messageries Maritimes

Companhia de Seguros de Fianças

Directores — Lima, Marrá & Filhos

LISBOA — Rua da Prata, 53, 2.º

Deposito Sanguinhal

Vinhos tintos e brancos

no SANGUINHAL

Os melhores vinhos de meia

VINHOS

no

Porto e Madeira

Cognac,

Champagne,

Licores, etc.

129 — RUA DO ALECRIM — 131

Telephone N. 127



EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Para Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Vellas) Caes do Pico e Fayal.

Sae o vapor FUNCHAL, commandante Antonio Xavier de Andrade, no dia 20 de setembro ás 10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes — Caes do Sodre, 84, 2.º

Genesio Seiv. Agend.

Empresa Nacional de Navegação



Itinerario das carreiras para a Costa occidental e oriental d'Offrica SAHIDAS — Dia 6: Para Madeira S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Ambriz, Loanda Novo Redondo, Benguella e Mossamedes.

Dia 12: S. Thomé, Loanda, Lourenço Marques, Beira e Moçambique. Dia 21: S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambrietie, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, e Mossamedes.

Para carga e passageiros trata-se no escriptorio da Empresa, Rua da Prata, 8, 1.º

ESCOLA ACADEMICA

Instituída em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jaime Maupeirin Santos

Bacharel formado em Philoſophia e Medicina

pela Universidade de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa

Médico dos Hospitales Civis

Enſina-se n'esta Escola instrucção primaria, instrucção secundaria, periodo transitorio e curso geral dos lyceus, conforme o Regulamento de 14 de Agosto de 1895, havendo além d'isso um curso commercial essencialmente pratico e completamente independente do curso geral dos lyceus.

As disciplinas que constituem este curso, e que são leccionadas em classes especiaes e por professores especiaes, são as seguintes, e distribuidas em 4 annos:

INSPECTOR DOS ESTUDOS

Antonio Dias de Sousa e Silva

Bacharel formado em Philoſophia, com o curso

de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra

Curso Theologico no Seminario de Vizeu

e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

CURSO COMMERCIAL

1.º Anno

Portuguez
Francês
Inglês
Allemão
Arithmetica e calculo commercial
Calligraphia
Pratica de escriptorio

2.º Anno

Portuguez
Francês
Inglês
Allemão
Arithmetica e calculo commercial
Geographia geral
Calligraphia
Pratica de escriptorio

3.º Anno

Francês
Inglês
Allemão
Arithmetica e calculo commercial
Historia patria
Geographia commercial
Phisica e chimica elemental
Historia natural elemental
Calligraphia
Pratica de escriptorio

4.º Anno

Francês | Exercicios de redacção e de conversação
Inglês | ção
Allemão | ção
Contabilidade geral e escripturação commercial
Materias primas e especiaes commerciaes
Elementos de economia politica e legislação commercial
e aduaneira
Pratica de operações commerciaes

O ensino pratico das linguas vivas começa na instrucção primaria, e nos quatro annos ha, em todas as aulas de linguas, exercicios de conversação, regularmente distribuidos por toda a semana.

As alumnos que concluirem este curso, ser-lhes-ha passado pela Escola um certificado do curso, com as informações relativas á sua applicação, aproveitamento e procedimento.

Os horarios e mais disposições relativas a todos os cursos estão patentes no vestibulo da Escola e enviam-se pelo correio a quem os requisitar.

Lisboa e secretaria da «Escola Academica, 15 de Julho de 1901

O DIRECTOR — **Maupeirin Santos.**

Os mais puros e genuinos vinhos do mundo

DA

ANTIGA E UNIVERSALMENTE ACREDITADA CASA

Ferreirinha

do PORTO e REGOÁ

(FUNDADA EM 1751)

VINHOS VELHOS DE 1812 E 1815

(reserva especial)

Recomendados pelos Srs. medicos para os anemicos,
dyspepticos, doentes e convalescentes

VINHOS ADAMADOS

Bastardo, Malvasia e Moscatel

muito apreciados por todas as senhoras

Marcas para o commercio

Vesuvio -- Ferreirinha -- Cruzeiro -- Nogueiras e Cosmopolita

A venda em todas as Confeitarias, Hotels, Botequins,
Armazens e Vendas

Deposito — RUA 1.º DE MARÇO, N.º 17 — RIO DE JANEIRO

FONSECA & SA

**SAQUES sobre Portugal, Ihas, Hespanha, Italia
Paris e Londres**



Exportadores
Para todos os Estados
do Brasil

Unicas vendas
em todo o interior
das praias

AGENCIA
EM
TODOS OS ESTADOS

TELEGRAPHIA
PINTO
Calle de Cerveja-44

101, RUA DO HOSPICIO, 101

RIO DE JANEIRO

JULIO LIMA & C.^a



FABRICANTES DE CHAPEUS DE FELTRO

Fabrica

167, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 167

Deposito

46, RUA DE S. PEDRO, 46

End. teleg. — JULIMA.

RIO DE JANEIRO

FABRICA FUNDADA EM 1897 — Ocupa a área de 12.000 metros quadrados

MACHININHOS MODERNOS E APERFEIÇOADOS

Os seus productos rivalisam vantajosamente com os importados do estrangeiro. Esta fabrica, foi distinguida com o

Diploma de Honra

O mais distincto de todos os premios

na Exposição Artístico-Industrial de 1900, primeira a que concorreu. — Absteeo os principais mercados do paiz.

ANGELINO SIMOES & C.

Generos alimenticios de primeira qualidade

De conta propria

Commissões e consignações

Importação e transações directas com as principaes praças do Brazil e da Europa

Tantos armazens nos novos predios recente e expressamente edificadas para este ramo de negocio em larga escala



Rua do Mercado, n.º 31

Rua do Rosario, n.º 1 a 5

Beco da hapa dos Mercadores, n.º 6 e 8



RIO DE JANEIRO

End. telegraph. ANGLIANO

Caixa postal 1054

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccoes

Com atelier de modista e alfaiate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldieiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

OBRAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodré, 64, 1.º

LISBOA

OS AGENTES — E. Pinto Basto & C.



Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal (as quartas feiras alternadas. Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevidéu, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Platte e Liverpool.


VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO
 Premiados nas exposições
 DE
 Londres, 1863; Porto, 1866; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA
João Eduardo dos Santos
Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO


MARTINS, VIANNA, VAZ & C.

CONCESSIONARIOS DE

F. F. VAZ & C.^a e VIANNA, CASTRO & C.^a

Fabrica de marmelada

Fructas em conserva

Assucar em grosso e refinado — Confetaria
 — Molhados — Velas —
 Sabão — Kerozene — Oleos, etc.

Telegramma VAZ **Caixa postal — 484**

154, Rua de S. Pedro, 155
67, Rua Andradas, 67

RIO DE JANEIRO

Formicida SCHOMAKER

NOVO INVENTO PRIVILEGIADO

Infalível na destruição completa dos formigueiros pela produção continua de gases após sua applicação.

O Formicida Schomaker não é sulfureto de carbono, como são todas as marcas de formicidas até hoje conhecidas. É um novo invento de fórmula inteiramente diversa e de effeito infalível, como provam os attestados já publicados de agricultores competetissimos.

O conteúdo de uma lata de Formicida SCHOMAKER deve ser adicionado a 15 litros d'agua, produzindo assim cerca de 17 litros do poderoso formicida.

Logo que a lata seja aberta deve IMMEDIATAMENTE ser despejada n'uma vasilha que contenha cerca de 15 litros d'agua, e ser constantemente agitado todo o liquido com uma varinha de madeira, a fim de ficar bem misturado.

Tendo-se de extinguir mais de um formigueiro, torna-se necessaria a agitação constante de todo o formicida á proporção que se for usando, para serem aproveitadas as substancias químicas que possui.

O Formicida SCHOMAKER é o unico que, após sua applicação, trabalha por si, produzindo gases toxicos em extraordinaria abundancia, muito pesados e de grande densidade, em produção continua e prolongada por mais de 60 dias, sendo natural e espontanea a dita produção de gases, isto é, sem provocação artificial.

O Formicida SCHOMAKER vem substituir os antigos foles e as diversas machinas e prestar real serviço á lavoura, por destruir completamente os formigueiros onde for applicado de accordo com o modo de usar que se recommenda.

O Formicida SCHOMAKER é tambem magnifico adubo para as terras, por conter phosphoro, sendo o unico formicida que pôde ser manipulado com essa substancia, por ser privativa do seu privilegio.

Para evitar falsificações, previne-se que a lata de formicida SCHOMAKER minutos depois de vazia começa a desprender fumaça, que são gases de que a mesma ficou impregnada.

O Formicida SCHOMAKER

Está á venda em todos os Estados da Republica

Unicos depositarios

THEDIN, RODRIGUES & C.^a

R. General Camara, 11

RIO DE JANEIRO

AGENCIA FINANCIAL

DE PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

SAQUES SOBRE PORTUGAL

pagaveis pelo Banco DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THE-SOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O Agente Financeiro

ALFREDO BARBOZA DOS SANTOS

FONSECAS, SANTOS & VIANNA

BANQUEIROS

R. D'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS). 120

← LISBOA →

SOCIOS:

Carlos Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna
e Joaquim Pinto da Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estrangeiros, acções de bancos e companhias. Tomam e saccam letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem encargos e fundos publicos á consignação. Recebem depositos em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo. Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão

CARPINTARIA, MARCENARIA E SERRARIA

A VAPOR

DE

José Maria Pereira Junior

COMPLETO SORTIMENTO

DE

Madeiras e Materiaes

Para construcções civis

Construcção e reconstrucção de predios

RUA LAVRADIO, 33

RIO DE JANEIRO

VEIGA & C.^A

104, Rua do Rosario, 104

CAFÉ E COMMISSÕES

Sacam sobre o BANCO ALLIANÇA do Porto e seus correspondentes e agentes em Portugal, ilhas, Hespanha, Italia, Paris e Londres e concedem cartas de creditos

ESCRITORIO

104, Rua do Rosario, 104

TELEGRAMMAS—VEIGA

Rio de Janeiro

PIANOS DE PLEYEL

Unico depositario dos pianos de JULIUS BLUTHNER



Unico depositario dos pianos de JULIUS BLUTHNER

GAVEAU, BORD, SCHIEDMAYER, FRIED-BUSCHMANN e de outros autores

Todo e qualquer artigo para reconstrução de pianos — Vendas por preços modicos e garantidos
 No conhecido estabelecimento de pianos e musicas. Officinas para reconstrução de pianos, harmoniums
 e impressão de musicas. — Encadotamento especial para os mesmos instrumentos.

ANTIGA CASA
BUSCHMANN & GUIMARÃES

MANUEL ANTONIO GUIMARÃES

Successores de Buschmann Guimarães & Irmão

Telephone n.º 449

50 — Rua dos Ourives — 50

RIO DE JAFIRO

GABINETE HYDROTHERAPICO

Dr. Manuerrin Santos

Motivos Cientificos | *Manuerrin Santos*
 Sabeiro e Alameda

Instalção hydrotherapica completa para
 salas de banho e para homens e mulheres, antea-
 mente a sal das e independentes; gabinete
 para a cidade e passagem de viagem
 e a medicina — dica, dirigidos por C. de Souza
 o Tratamento de doencas nervosas e de sono-
 lago.

Aberto das 8 da manhã e das 3 da tarde

SALGADA DE DEQUE, 10
 4713111 SALGADA DA GLORIA, 12 LISBOA

**BANCO NACIONAL
ULTRAMARINO**

Sociedade de anonyma
 de responsabilidade limitada

SÉDE EM LISBOA

49 — RUA NOVA D'EL-REI — 74

ULTRAMAR

Caixas Filiaes

S. Thiago de Cabo Verde — S.
 Thomé — Lourenço — Benguela —
 Lourenço Marques — Nova Goa.

AGENCIAS

S. Vicente de Cabo Verde — Bo-
 lama — Mossamedes — Quelimano
 — Inhambane — Moçambique — Ma-
 cau.

ARMAZEM

DO

PARC ROYALM. NUNES & C.^ª

Completo sortimento de todos os artigos

DE USO PARA

Senhoras e para homens

OFFICINA de costuras.

FABRICA de perfumarias.

FABRICA a vapor de roupas brancas.

OFFICINA e DEPOSITO de calçado.

Exportação para todos os Estados da Republica

IMPORTAÇÃO DIRECTA**Preços fixos sem competencia.**

L. de S. Francisco de Paula, 8 a 11

RIO DE JANEIRO**Fabrica Confiança de Gravatas****VENDAS POR ATACADO**

Endereço telegraphico — GRAVATAS

**J. AZEVEDO & C.^ª**

Largo de S. Francisco de Paula, 4 B

RIO DE JANEIRO

A BRASILEIRA GASPAR PACHECO & C.^a



PREÇOS SEM COMPETÊNCIA — IMPORTAÇÃO DIRECTA

Exposições permanentes. Recebem-se novidades por todos os paquetes. Grande estabelecimento de fazenda. Modas, novidades e armário. Esta casa tem sempre os mais modernos tecidos em todos os generos.

Largo de S. Francisco de Paula, 24
Ponto de BONDS de S. Christovam

RIO DE JANEIRO

Badereço telegraphico LIOB CAIXA DO CORREIO
S. PAULO LION & C.^a N.º 44

S. PAULO, SANTOS E HAMBURGO
BRASIL E ALLEMANHA

ESCRITORIO: R. do Commercio, 8

CIMENTO PORTLAND

QUALIDADE

SUPERIOR



RESISTENCIA

GARANTIDA

Usado com optimos resultados por empresas particulares e Obras Publicas da Europa, dos Estados Unidos da America do Norte e do Brasil. Approvado pela Repartição de Aguas e Esgotos de S. Paulo-Brasil.

IMPORTADORES e DEPOSITARIOS
LION & C.^a
S. PAULO E SANTOS
Brasil.

VINHO ROMARIZ

Casa fundada em 1850

As melhores marcas dos afamados vinhos do

PORTO

N.º 1 Especial "1834"

SANTO ANTONIO

VINHO VERDE GATÃO

Marcado com um gato no centro do tampo do barril com o nome

A. R. ROMARIZ & F.^{OS}

Registada desde 1896 no Porto e Rio de Janeiro

A. R. ROMARIZ & F.^{OS}

VILLA NOVA DE GAYA — PORTO

TORRES-CARNEIRO

Joatheiro



Rua dos Ourives, 74-A
RIO DE JANEIRO